

AS CADEIRAS

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90029-025

## CENÁRIO

*A cortina abre-se, deixando ver uma semi-obscuridade. O VELHO encontra-se debruçado na janela da Esquerda, trepado num escadote. A VELHA está a acender o candeeiro. Luz esverdeada. Ela puxa o VELHO pela manga.*

VELHA. — Vamos, meu querido, fecha a janela. Cheira tão mal essa água parada; e além disso deixa entrar os mosquitos.

VELHO. — Deixa-me em paz!

VELHA. — Vamos, vamos, meu queridinho, vem sentar-te. Não te debruces assim, podes cair à água. Lembra-te do que aconteceu com Francisco I, rei de França. Cuidado.

VELHO. — Lá vêm os exemplos! Estou cansado de história de França, minha velha. Quero olhar; as canoas ao sol fazem sombras na água.

VELHA. — Tu não podes ver, Não há sol. É de noite, meu querido.

VELHO. — Mas ficou a sombra.

*Debruça-se bastante.*

VELHA, *puxando-o com toda a força*. — Tu assustas-me, meu querido. Anda sentar-te. Não consegues ver ninguém chegar. É inútil. Está escuro...

O VELHO *deixa-se levar, relutante*.

VELHO. — Eu queria ver. Gosto de olhar a água.

VELHA. — Como é que consegues, meu querido?... A mim dá-me vertigens. Ah! Esta casa, esta ilha, não consigo habituar-me. Água à volta da gente, água até à janela, só água no horizonte.

A VELHA, *puxando o VELHO, dirige-se para as duas cadeiras que se encontram no Centro Baixo. O VELHO senta-se com toda a naturalidade no colo da VELHA.*

VELHO. — São seis horas da tarde... Já é noite. Lembras-te? Antigamente não era assim; às 9 horas ainda era dia, e às 10, e à meia-noite.

VELHA. — Pois era. Que memória.

VELHO. — Mudou muito.

VELHA. — E por que é que tu achas que mudou?

VELHO. — Não sei, Semiramis, minha velha... Talvez porque quanto mais a gente vai mais obscurece. É por causa da Terra, que gira, gira...

VELHA. — Gira, gira, meu queridinho... (*Pausa*) Ah! Tu és mesmo um grande sábio. Tens muito talento, meu querido. Se quisesses, com um pouquinho de ambição na vida, poderias ter

sido presidente-chefe, rei-chefe ou então doutor-chefe, senador-chefe...

VELHO. — De que nos serviria isso? Não teríamos vivido melhor... E, depois, nós temos uma situação... Eu sou chefe apesar de tudo, sou zelador.

VELHA *acaricia-o como a uma criança*. — Meu queridinho, meu pequenino...

VELHO. — Estou muito aborrecido...

VELHA. — Estavas mais alegre enquanto olhavas para a água... Para nos distrair, faz de conta, como naquela noite.

VELHO. — Faz tu. É a tua vez.

VELHA. — É a tua.

VELHO. — É a tua.

VELHA. — É a tua.

VELHO. — É a tua.

VELHA. — É a tua. Já!

VELHO. — Bebe o teu chá, Semiramis.

*Não existe chá, evidentemente.*

VELHA. — Então imita o mês de Fevereiro.

VELHO. — Não gosto dos meses do ano.

VELHA. — No momento não há outros. Vamos, só para me agradar...

VELHO. — Pronto, toma Fevereiro.

*Coça a cabeça como Stan Laurel.*

VELHA, *rindo e aplaudindo*. — Isso! Isso mesmo! Obrigada, obrigada, tu és um anjo, meu querido. (*Beija-o*) Oh! Como tu és talentoso... Se quisesses poderias ter sido, ao menos, senador-chefe...

VELHO. — Eu sou zelador, zelador-chefe.

*Silêncio.*

VELHA. — Conta a história... Tu sabes...  
Aquele história: então, quando a gente ia in...

VELHO. — Ainda? Outra vez?... Estou farto...  
Então quando a gente ia in... Outra vez essa?...  
Tu estás sempre a pedir-me a mesma coisa!...  
«Então quando a gente ia in...» Isso é monótono... Há 75 anos que estamos casados e todas as noites, invariavelmente todas as noites, me obrigas a contar a mesma história, a imitar as mesmas pessoas, os mesmos meses... Sempre o mesmo... Vamos falar de outra coisa...

VELHA. — Meu querido, isso a mim não me cansa... É a tua vida... e ela seduz-me.

VELHO. — Tu já a conheces de cor e salteado.

VELHA. — É como se eu esquecesse tudo, logo em seguida... Eu ganho um espírito novo todas as noites... Mas é, meu querido, eu faço de propósito... Tomo purgantes e fico novinha para ti, meu querido... Todas as noites... Vamos, começa, por favor.

VELHO. — Já que queres.

VELHA. — Anda, vá, conta a tua história... que é também a minha. O que é teu é meu. Então quando a gente ia in...

VELHO. — Então quando a gente ia in... meu anjo...

VELHA. — Então quando a gente ia in... meu querido...

VELHO. — Então quando a gente ia indo chegámos perto de um grande portão de ferro. Todos molhados até aos ossos, enregelados, tremendo de frio havia muitas horas, dias, noites, semanas...

VELHA. — Meses...

VELHO. — Na chuva... A gente batia os dentes, os joelhos, os pés, os narizes, as orelhas... já lá vão oitenta anos... Eles não nos deixaram entrar... Podiam ao menos ter aberto o portão do jardim...

*Pausa.*

VELHA. — No jardim a erva estava húmida.

VELHO. — Havia um atalho que conduzia a uma pracinha; e, ao centro, uma capela... Onde era essa aldeia? Lembras-te?

VELHA. — Não, meu querido, já não me lembro.

VELHO. — Como é que se ia até lá? Onde está o caminho? Esse lugar chamava-se... Paris, eu acho...

VELHA. — Isso nunca existiu... Paris, meu querido.

VELHO. — Existiu, ela até desmoronou... Era a cidade-luz... Ela apagou-se, apagou-se, há quatrocentos mil anos... Nada mais resta hoje... Apenas uma canção.

VELHA. — Uma canção de verdade? É engraçado. Que canção?

VELHO. — Uma canção de ninar, uma alegoria: «Paris sera toujours Paris».

VELHA. — Ia-se lá passando pelo jardim? Era longe?

VELHO *sonha perdido*. — A canção... A chuva...

VELHA. — És muito dotado; se tivesses tido um pouco de ambição na vida, poderias ter sido um rei-chefe, um jornalista-chefe, comediante-chefe, senador-chefe... e, infelizmente tudo foi por água abaixo... baixo, água abaixo, mesmo água abaixo.

*Silêncio.*

VELHO. — Então quando a gente ia in...

VELHA. — Ah! Sim! Emenda... Conta...

VELHO (*Enquanto a VELHA desatará a rir baixinho, gagá, depois progressivamente às gargalhadas, o VELHO, rirá também*). — Então quando a gente ia rindo, que até dava dores de barriga, a história era tão divertida, tão engraçada... O engraçado dava murros no peito de alegria, de peito nu, o engraçado tinha peito... Ele chegou com uma mala cheia de rins de pombo; e... pumba! A gente riu, riu, riu de barriga no rossio, peito nu ao frio, a mala que se abriu, a história que descobriu os rins de pombo, pumba! No chão frio; peito todo nu, a gente riu, ri...

VELHA, *rindo*. — Rindo do engraçado, que chegou de peito nu, rindo, a mala dos rins, rindo no rio e a barriga no rossio...

VELHO e VELHA. — Então quando a gente ia rin... ah! rin... rindo... ri... de peito nu... as mãos nos rins... rin... os rins no rio... então a

sós, gente ia i... peito nu... rin... rin... riu... (*Depois os dois VELHOS pouco a pouco acalmam-se*) ia rin... ah!... rin... de... ri.

VELHA. — Então era isso o teu famoso Paris, hem?

VELHO. — Famoso e formoso foi...

VELHA. — Oh, tu és tão, meu querido, bem... Ah! Tão... Tu sabes tão, tão, tão tudo! Tudo tão, tu poderias ter sido na vida! Mais, até mais que um zelador-chefe.

VELHO. — Sejamos modestos. Mais vale um pouco...

VELHA. — Quem sabe se tu não seguiste a tua vocação?...

VELHO *desata a chorar*. — Eu não a segui? Eu perdi-a no caminho? Ah!... Onde está, mamã, mamã, mamã, onde está, mamã?... Hi... Hi... Hi... Eu sou órfão (*Geme*)... Órfão... Órf...

VELHA. — Eu estou aqui!... Não precisas de ficar assim...

VELHO. — Não, Semiramis, minha velha. Tu não és minha mãe... Órfão, órfãozinho, quem vai proteger-me?

VELHA. — Mas eu estou aqui, meu querido!...

VELHO. — Não é a mesma coisa... Eu quero a minha mãezinha e... tu não és a minha mãezinha, tu...

VELHA, *acariciando-o*. — Cortas-me o coração. Não chores, meu pequenino.

**Teatro de Arena**

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VELHO. — Hum... Hi, hi, hum, deixa-me; hi, hi, sinto-me perdido, tenho dores, a minha vocação dói-me, ela perdeu-se.

VELHA. — Calma!

VELHO, *soluçando, com a boca toda aberta como um bebê.* — Eu sou órfão... orfê.

VELHA *procura consolá-lo afagando-o.* — Meu órfão, meu menino, tu cortas-me o coração, meu órfão.

*Ela embala o VELHO, que há pouco voltou a sentar-se-lhe nos joelhos.*

VELHO, *soluçando.* — Hi, hi, hi! Minha mãezinha! Onde está a minha mãe? Já não tenho mãezinha!

VELHA. — Eu sou a tua mulher; agora a tua mãe sou eu.

VELHO, *cedendo um pouco.* — Não é verdade, eu sou órfão, hi, hi.

VELHA, *continuando a embalá-lo.* — Meu bebê, meu órfão, meu orfê, orfanão, orfanãozão, orfanãozinho...

VELHO, *ainda mal-humorado mas deixando-se levar cada vez mais.* — Não... Não quero... Não queeeeeeeero!

VELHA, *cantarolando.* — Orfanãozi, orfanãozi-zê, orfanãozi-zão, orfanãozi-zinho.

VELHO. — Não... Naaaão.

VELHA, *sempre cantarolando.* — Zi zê zanzão, zo... Órfãozi, fão, fão, zi, zi, za, zi, zi, zão, fão, orfanãozi...

VELHO. — Hi, hi, hi, hi, hi. (*Funga e vai-se acalmando a pouco e pouco*) Onde está ela, a minha mãezinha?...

VELHA. — No céu estrelado... e ela ouve-te, vê-te através das estrelas; não chores, senão ela chora também.

VELHO. — Não pode ser... Ai... Não és a minha mãe... mãezinha...

VELHA (*O VELHO está quase calmo*). — Vamos, queridinho, acalma-te, não fiques assim... Tu tens grandes qualidades, meu chefezinho... Vamos, enxuga as lágrimas... Eles devem vir esta noite... Os convidados não devem ver-te assim... Nem tudo está perdido... Tu contas-lhes, explica-lhes... Tu tens uma mensagem... tu dizes sempre que vais falar... É preciso viver, lutar pela tua mensagem.

VELHO. — Pois é, eu tenho uma mensagem... Eu luto... A minha missão... Eu tenho miolos, tenho uma mensagem a transmitir à humanidade, à humanidade...

VELHA. — À humanidade, meu querido, a tua mensagem...

VELHO. — É verdade isso, é verdade...

VELHA *asoa o VELHO, enxuga as suas lágrimas.* — Isso mesmo... Tu és um homem, um soldado, um zelador-chefe...

VELHO *deixa o colo da VELHA e passeia agitado com grandes passadas.* — Eu não sou como os outros, tenho ideal na vida! Sou talvez bem dotado, como tu dizes, tenho talento, mas não tenho

habilidade. Desempenhei bem o meu cargo de zelador-chefe. Portei-me sempre à altura da situação, com toda a honra. Isto poderia ser suficiente.

VELHA. — Mas não o é para ti, tu não és como os outros, és muito maior e no entanto teria sido melhor dares-te bem com todos, como toda a gente. Tu zangaste-te com os teus amigos, directores, zeladores, com o teu irmão!

VELHO. — Não foi culpa minha, Semiramis, tu bem sabes o que ele disse.

VELHA. — Que foi?

VELHO. — Ele disse: «Meus amigos, tenho uma pulga; venho visitá-los na esperança de que ela fique nesta casa».

VELHA. — Ora, foi um modo de falar. Tu não devias ter dado ouvidos. Mas com o Alex, por que é que tu zangaste-te com ele? Também foi culpa sua?

VELHO. — Tu vais irritar-me, vais irritar-me. Ora. Claro que foi culpa sua. Um dia apareceu e disse: «Desejo-lhes boa sorte: devia dizer-lhes aquela palavra de cinco letras; não digo, penso». E depois riu que nem um bezerro.

VELHA. — Ele tinha bom coração, meu querido. Nesta vida, não se deve ser tão melindroso.

VELHO. — Não gosto dessas brincadeiras.

VELHA. — Tu podias ter sido marinheiro-chefe, marceneiro-chefe, rei-chefe de orquestra.

*Longo silêncio; ficam um tempo paralisados, hirtos nas respectivas cadeiras.*

VELHO, *sonhando*. — Era no fim, no fim do jardim... Era lá que se encontrava... Era lá que se encontrava... Era lá que se encontrava... Se encontrava o quê, minha querida?

VELHA. — Paris!

VELHO. — No fim, no fim da cidade de Paris encontrava-se... encontrava-se... encontrava-se o quê?

VELHA. — Meu querido, encontrava-se o quê, meu querido, encontrava-se quem?

VELHO. — Era um lugar, um tempo delicioso...

VELHA. — Era um tempo tão lindo, era?

VELHO. — Não me lembro do local...

VELHA. — Não fatigues a cabeça...

VELHO. — Está muito longe, já não posso mais... alcançá-lo... Onde era? E quem?

VELHA. — Seja onde for, eu sigo-te sempre, meu querido, eu sigo-te sempre.

VELHO. — É tão difícil exprimir-me... É preciso que eu diga tudo.

VELHA. — É um dever sagrado. Tu não tens o direito de sufocar a tua mensagem. É preciso que a reveles aos homens. Eles esperam-te. O universo só está à tua espera.

VELHO. — Sim, sim, eu digo.

VELHA. — Estás mesmo decidido? É preciso ser já.

VELHO. — Bebe o teu chá.

VELHA. — Tu podias ter sido um orador-chefe se tivesses exercitado mais a vontade... por te te-

res finalmente decidido a falar a todos os países, à Europa, a todos os continentes.

VELHO. — Ai de mim! Custa-me tanto falar, falta-me habilidade.

VELHA. — A habilidade adquire-se com o hábito... Com a vida e a morte... Basta estar bem decidido. É falando que se acham as ideias, as palavras, e depois, nós, nas nossas próprias palavras, e a cidade também, o jardim; reencontra-se talvez tudo. Já não se é órfão!

VELHO. — Não sou eu quem vai falar. Contratei um orador profissional para falar em meu nome. Tu vais ver...

VELHA. — Então é mesmo para esta noite? Pelo menos convenceste todos, todos os personagens, todos os proprietários e todos os sábios?

VELHO. — Sim. Todos os proprietários e todos os sábios.

*Pausa.*

VELHA. — E os guardas? Os bispos, os químicos, os caldeireiros, os violinistas, os delegados, os presidentes, os polícias, os negociantes, os edifícios, as canetas, os cromossomas?

VELHO. — Sim, sim, e os carteiros, os estalajadeiros e os artistas, todos os que têm algo de sábios, algo de proprietários!

VELHA. — E os banqueiros?

VELHO. — Já os convoquei.

VELHA. — E os proletários, os funcionários, os militares, os revolucionários, os reaccionários, os alienistas e seus alienados?

VELHO. — Mas claro, todos, todos, todos. Visto que são todos sábios e proprietários!

VELHA. — Não te irrites, meu querido. Eu não quero irritar-te, mas tu és tão distraído, como todos os grandes génios; a reunião é importante. É preciso que venham todos esta noite. Prometeram vir? Eles vêm já?

VELHO. — Bebe o teu chá, Semiramis.

*Pausa.*

VELHA. — E o papá, os papagaios e os papéis?

VELHO. — Já os convoquei. *(Pausa)* Vou transmitir-lhes a mensagem... toda a minha vida... Eu sentia-me sufocado. Agora eles vão saber tudo, graças ao orador... Só vocês me compreenderam.

VELHA. — Tenho tanto orgulho em ti.

VELHO. — A reunião vai começar daqui a alguns instantes.

VELHA. — É verdade então que eles vêm esta noite? Tu já não vais sentir vontade de chorar... Os sábios e os proprietários fazem papel de pai e mãe. *(Pausa)* Não se poderia adiar a reunião? Isto não irá cansar-nos muito?

*Agitação crescente. Há já algum tempo que o VELHO roda em torno da VELHA com passinhos indecisos de velhinho ou de criança. Dá um ou dois passos até uma das portas e depois volta a rodar.*

VELHO. — Tu achas que isto poderá na verdade cansar-nos?

VELHA. — Tu estás um pouco constipado...

VELHO. — O que se poderia fazer para anular?

VELHA. — A gente convida-os para outra noite. Tu podias telefonar.

VELHO. — Ai, meu Deus, não é possível, é muito tarde. Eles já devem ter embarcado!

VELHA. — Devias ter sido mais prudente.

*Ouve-se o ruído de uma barca deslizando na água.*

VELHO. — Acho que já se vêem...

*O ruído do deslizar da barca ouve-se cada vez próximo.*

Sim, estão a chegar!

*A VELHA levanta-se claudicante.*

VELHA. — Talvez seja o orador.

VELHO. — Ele não vem já. Deve ser outro.

*A campainha soa.*

VELHA. — Ah!

*VELHO e VELHA dirigem-se nervosos até à porta da Direita Alta. Andando falam.*

VELHO. — Vamos...

VELHA. — Estou toda despenteada... Espera um bocadinho.

*Compõe o vestido, arranja os cabelos e, sempre claudicante, puxa as suas grossas meias vermelhas.*

VELHO. — Devias ter-te preparado antes... Tiveste bastante tempo.

VELHA. — Ih! Como estou mal vestida!... Roupa velha toda amarrotada...

VELHO. — Devias tê-la passado... Vamos, despacha-te! Estás a fazer esperar essa gente.

*O VELHO seguido pela VELHA, que resmungando, chega até à porta, no vão; desaparecem um momento; ouve-se eles abrirem a porta e fechá-la depois de terem feito entrar alguém.*

VOZ DO VELHO. — Boa noite, minha senhora, tenha a bondade de entrar. É um prazer tê-la conosco. Minha mulher...

VOZ DA VELHA. — Boa noite, minha senhora, muito prazer em conhecê-la. Cuidado não estrague o seu chapéu. Tire o alfinete, que é mais cómodo. Oh, não, ninguém vai sentar-se em cima dele.

VOZ DO VELHO. — Pode deixar aqui a sua capa de peles. Permita-me que a ajude. Não, aqui está muito bem.

VOZ DA VELHA. — Oh! Mas que lindo *tailleur!* Um casaco de três cores!... A senhora aceita alguns biscoitos?... Oh, não! A senhora não é gorda... Não... Só rechonchuda... Pouse o seu guarda-chuva.

VOZ DO VELHO. — Queira seguir-me, por favor.

VELHO, *de costas*. — Oh! Eu só tenho uma modesta situação...

*O VELHO e a VELHA viram-se ao mesmo tempo, separando-se um pouco para deixar espaço entre os dois. A convidada invisível. O VELHO e a VELHA descem.*

*até ao Centro Baixo. Falam à DAMA INVISÍVEL, que caminha entre eles.*

VELHO à DAMA INVISÍVEL. — Fez boa viagem?

VELHO à mesma. — Não está muito cansada?

Um pouquinho, não é?

VELHO à mesma. — Tanta água!...

VELHO à mesma. — Bondade sua...

VELHO à mesma. — Eu vou buscar uma cadeira.

*O VELHO dirige-se à porta do Centro Esquerdo.*

VELHA à mesma. — Enquanto ele não vem queira sentar-se aqui.

*Indica uma das cadeiras e senta-se na outra, à direita da DAMA INVISÍVEL.*

— Que calor, hem? (*Sorri para a DAMA*) Que lindo leque!... O meu marido... (*O VELHO reaparece pela porta n.º 7 trazendo uma cadeira*)... Ofereceu-me um igualzinho há 73 anos... Ainda o tenho... (*O VELHO coloca a cadeira à esquerda da DAMA INVISÍVEL*)... Foi um presente de aniversário!...

*O VELHO acomoda-se na cadeira que acaba de trazer. A DAMA INVISÍVEL encontra-se no meio. O VELHO, rosto virado para a DAMA, sorri-lhe, abana a cabeça, esfrega levemente as mãos com um ar de seguir o que ela está a dizer. A VELHA faz o mesmo.*

VELHO. — A vida nunca foi barata, minha senhora.

VELHA à DAMA. — Tem razão... (*A DAMA fala*) Exactamente. Já é tempo de as coisas mudarem... (*Mudança de tom*) O meu marido talvez trate disso... Ele mesmo lho dirá.

VELHO à VELHA. — Cala a boca, cala a boca, Semiramis. Ainda não são horas de falar nisso. (*À DAMA*) Desculpe, minha senhora, por ela ter despertado a sua curiosidade. (*A DAMA reage*)... Cara senhora, não insista, por favor.

*Os dois VELHOS sorriem. Riem até, manifestam-se satisfeitos com a história contada pela DAMA INVISÍVEL. Uma pausa. Um vácuo na conversa. As fisionomias perderam toda a expressão.*

VELHO, à mesma. — Sim, a senhora tem toda a razão.

VELHA, à mesma. — Sim, sim, sim... Oh, não!

VELHO, à mesma. — Sim, sim, sim... Absolutamente.

VELHA. — Isso é verdade?

VELHO. — Não!?

VELHA. — Exactamente.

VELHO ri. — Não é possível.

VELHA ri. — Ena! (*Ao VELHO*) Ela é encantadora.

VELHO à VELHA. — A senhora conseguiu captivar-te. (*À DAMA*) Os meus parabéns.

VELHA à DAMA. — A senhora não é como a juventude de hoje.

VELHO *abaixa-se com dificuldade para apanhar um objecto qualquer invisível que a DAMA*

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

INVISÍVEL *deixou cair*. — Deixe, não se incomode... Eu apanho... Oh! A senhora foi mais ligeira do que eu...

*Volta a sentar-se.*

VELHA. — Você não tem a idade dela!

VELHO à DAMA. — A velhice é um fardo bem pesado. Faço votos por que permaneça jovem eternamente.

VELHA à mesma. — Ele é sincero. É o coração dele que fala. (Ao VELHO) Meu velho!

*Alguns instantes de silêncio. Os VELHOS, de perfil para a sala, observam a DAMA, sorrindo delicadamente. Em seguida viram a cabeça para o público e observam novamente a DAMA, respondendo com sorrisos ao seu sorriso. Finalmente por réplicas às perguntas da DAMA.*

É muito gentil de sua parte interessar-se por nós.

VELHO. — Nós vivemos isolados.

VELHA. — Ele procura a solidão, mas não é um misantropo.

VELHO. — Nós temos rádio, eu pesco com anzol e além disso há um tráfego de barcos que funciona perfeitamente.

VELHA. — Aos domingos tem dois pela manhã e um à tarde, sem falar dos barcos particulares.

VELHO à DAMA. — Quando o tempo está de bom humor a Lua vem de noite.

VELHA. — Ele continua a exercer as suas funções de zelador-chefe. Isso distrai-o. Mas a ver-

dade é que na idade dele já devia estar aposentado.

VELHO. — Vou ter muito tempo para descansar debaixo da terra.

VELHA ao VELHO. — Nem fales nisso, meu amor. (À DAMA) O que nos resta de gente de família, os camaradas do meu marido, ainda nos vinham visitar de vez em quando, há dez anos.

VELHO à DAMA. — No Inverno, um livro perto da lareira, e recordações de toda uma vida...

VELHA à DAMA. — Uma vida simples mas repleta. Duas horas por dia dedica-as ele à sua mensagem. (A campainha toca. Há alguns instantes que se ouve o deslizar de uma embarcação. Para o VELHO) Alguém. Vai depressa.

VELHO à DAMA. — Com licença. Um momento. (À VELHA) Vai depressa buscar cadeiras.

VELHA à DAMA. — Um instantinho, minha querida.

*Ouvem-se violentos toques de campainha.*

VELHO *apressa-se, alquebrado, em direcção da porta da Direita, enquanto a VELHA vai à porta escondida à Esquerda, também apressada mas claudicando.* — Deve ser alguém com autoridade. (Apressa-se. Abre a porta n.º 2; entra o CORONEL INVISÍVEL; talvez seja útil que se ouça discretamente alguns toques de pistão, algumas notas de «Salve o Coronel». Mal abriu a porta e avistou o CORONEL INVISÍVEL o VELHO *imobiliza-se em sentido, fazendo continência*) Oh, meu Coronel!...

É uma grande honra para mim... Eu... Eu... Eu não ousava esperá-lo... apesar de... no entanto... enfim, sinto orgulho em receber um herói do seu quilate. (*Aperta a mão invisível que lhe estende o CORONEL INVISÍVEL, inclina-se cerimoniosamente e volta a endireitar-se*) Sem falsa modéstia, no entanto, peço licença para confessar-lhe que eu não me sinto indigno da sua visita. Orgulhoso sim, indigno não.

A VELHA surge pela porta da Direita com a cadeira.

VELHA. — Oh, que lindo uniforme! Que lindas medalhas! Quem é, meu anjo?

VELHO à VELHA. — Você não está a ver que é o coronel?

VELHA ao VELHO. — Ah!

VELHO à VELHA. — Conta as divisas! (*Ao CORONEL*) É a minha esposa, Semiramis. (*À VELHA*) Vem para que eu te apresente ao coronel. (*A VELHA avança arrastando uma cadeira e faz uma reverência sem largar a cadeira que tem na mão. Ao CORONEL*) Minha mulher. (*À VELHA*) O coronel.

VELHA. — Muito prazer, coronel. Seja bem-vindo. O senhor é colega de meu marido?

Ele também tem um uniforme...

VELHO. — Bebe o teu café, Semiramis...

VELHA (*O CORONEL INVISÍVEL beija a mão da VELHA; a VELHA levanta a mão no gesto correspondente e ao sentir-se beijada deixa cair a cadeira, tomada pela emoção*). — Oh! Ele é tão

fino... Vê-se logo que é um superior, um ser superior!... (*Retoma a cadeira; ao CORONEL*) Uma cadeira para o senhor...

VELHO ao CORONEL INVISÍVEL. — Faça o favor de nos seguir... (*Encaminham-se os três até ao Centro Baixo. A VELHA, arrastando a cadeira, ao CORONEL*) Sim, sim, temos um convidado e esperamos mais gente!...

A VELHA coloca a cadeira à direita.

VELHA ao CORONEL. — Queira sentar-se.

O VELHO apresenta os dois personagens invisíveis.

VELHO. — A senhora, que é uma das nossas relações...

VELHA. — Uma das nossas amigas...

VELHO. — O coronel, um militar insigne...

VELHA, mostrando a cadeira que acaba de trazer para o CORONEL. — A sua cadeira...

VELHO à VELHA. — Ora, não estás a ver que o coronel quer sentar-se ao lado da senhora?...

(*O CORONEL senta-se invisivelmente na terceira cadeira a partir da esquerda; a DAMA INVISÍVEL é suposta encontrar-se na segunda; uma conversa inaudível enceta-se entre os dois personagens invisíveis sentados um perto do outro; os dois VELHOS ficam de pé atrás das suas cadeiras, enquadrando os dois visitantes; o VELHO à esquerda da DAMA e a VELHA à direita do CORONEL.*)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VELHA, *escutando a conversa dos dois convidados.* — Oh! Isso é demais.

VELHO. — Talvez. *(O VELHO e a VELHA, por cima das cabeças dos convidados, fazem sinais, seguindo a conversa, que toma um rumo desagradável aos VELHOS. Bruscamente)* Sim, meu coronel, eles ainda não chegaram, mas não vão tardar. É o orador que falará por mim e explicará o sentido da minha mensagem... Cuidado, coronel, o marido desta senhora pode chegar de um momento para o outro.

VELHA ao VELHO. — Quem é este moço?

VELHO à VELHA. — Já te disse: é o coronel, minha querida.

*Aconteceram, invisivelmente, coisas inconvenientes.*

VELHA ao VELHO. — Eu já sabia.

VELHO. — Então por que perguntas?

VELHA. — Para saber. Coronel, não atire as pontas de cigarro para o chão.

VELHO ao CORONEL. — Meu coronel, já não me lembro, a última guerra, o senhor perdeu-a ou ganhou-a?

VELHA à DAMA. — Não vá no que ele diz, menina.

VELHO. — Olhe bem para mim, coronel, olhe bem: tenho cara de mau soldado?... Uma vez, meu coronel, durante uma batalha...

VELHA. — Ele está a exagerar! É inconveniente! *(Puxa o CORONEL pela manga invisível)* Ouça cá! Meu querido, toma conta dele.

VELHO, *continuando com rapidez.* — Eu sòzinho matei 209, chamavam-se assim, porque eles pulavam muito alto para se escapulirem, no entanto menos numerosos que as moscas, e menos divertidos, evidentemente, meu coronel, mas graças à minha perseverança eu... Ih! Não, por favor, por favor.

VELHA ao CORONEL. — O meu marido não sabe o que é mentir; é verdade que somos velhos, mas somos respeitáveis.

VELHO, *violentamente ao CORONEL.* — Um herói deve ser sempre correcto, se quiser ser um herói de verdade.

VELHA ao CORONEL. — Há muito tempo que conheço o senhor, nunca poderia imaginar que fosse capaz de uma coisa dessas. *(À DAMA, enquanto se ouvem outras barcas)* Nós temos a nossa dignidade, o nosso amor próprio.

VELHO, *voz trémula.* — Ainda tenho forças para fazer uso das armas. *(A campainha toca)* Com licença, eu vou abrir. *(Esbarra na cadeira da DAMA, a segunda da esquerda, que se vira)* Ah! Perdão!

VELHA, *acudindo.* — Magoou-se? *(O VELHO e a VELHA ajudam a DAMA a levantar-se)* A senhora sujou-se toda, há tanta poeira aqui em casa.

*Ajuda a DAMA a levantar-se. Novo toque de campainha prolongado.*

VELHO. — Com licença, licença. *(À VELHA)* Vai buscar uma cadeira.

VELHA, aos dois convidados invisíveis. — Desculpem, é só um momentinho.

*Enquanto o VELHO vai abrir a porta n.º 3 a VELHA sai para ir buscar uma cadeira pela porta n.º 5 e voltará pela porta n.º 8.*

VELHO, dirigindo-se à porta. — Ele queria que eu perdesse as estribeiras. Estou quase louco de raiva. *(Abre a porta)* Ah! É a senhora? Nem acredito no que os meus olhos vêem e, no entanto sim... Por esta não esperava eu... Mas é... Ah, minha senhora, minha senhora... Eu que tanto me tenho lembrado de si, toda a minha vida, a vida inteira... Oh!... É o seu marido?... Sim, sim, já me tinham dito... A senhora não mudou nada... Oh! Sim, sim... Como o seu nariz está comprido!... Como inchou... Quando a vi não notei, mas agora sim, estou a ver... Cresceu... terrivelmente... Ah, que pena!... Não foi de propósito, espere... Mas, como aconteceu?... Ah! Pouco a pouco... Desculpe-me, caro senhor e amigo, permita-me chamá-lo caro amigo, mas eu conheci sua mulher muito antes do senhor... Era a mesma mas com um nariz bem diferente... Meu caro senhor, felicito-o, vejo que se amam bastante. *(A VELHA surge pela porta n.º 8, com uma cadeira)* Semiramis, chegaram duas pessoas; mais cadeiras... *(A VELHA coloca a cadeira atrás das outras quatro e sai pela porta n.º 8, voltando alguns instantes depois com outra cadeira, que colocará ao lado da que acabou de trazer. Nesse*

*momento o VELHO terá chegado com os dois convidados perto da VELHA)* Cheguem-se, cheguem-se, nós já temos mais gente. Vou apresentá-los... Então, vejamos, minha senhora... Ah! Bela, Bela, menina Bela, era assim que lhe chamavam... dobrada em duas... Ah, meu caro senhor, ela ainda é bela apesar de tudo... Por baixo dos óculos ainda cintilam os seus belos olhos... Os seus cabelos são brancos, mas sob os brancos há os castanhos, os azuis, tenho a certeza... Venham, venham... O que é isso, meu caro, um presente para minha mulher? *(À VELHA, que acaba de chegar com a cadeira)* Semiramis, é a Bela, você sabe, a Bela... *(Ao CORONEL e à primeira DAMA INVISÍVEL)* Aqui está a menina, oh, perdão, a senhora Bela... Não sorria — esse é o marido. *(À VELHA)* Uma amiga de infância de quem já tanto te falei... Esse é o marido. *(De novo ao CORONEL e à DAMA INVISÍVEL)* Esse é o marido...

VELHA faz uma reverência. — É bem apesoadado. Tem bela figura. Minha senhora, meu senhor. *(Mostra aos recém-chegados as duas outras pessoas invisíveis)* São amigos...

VELHO à VELHA. — Ele quer dar-te um presente.

*A VELHA pega no presente.*

VELHA. — É uma flor, meu senhor? Ou um berço? Uma árvore, ou um corvo?

VELHO à VELHA. — Não! Não estás a ver que é um quadro?

VELHA. — Oh! Que bonito! Muito obrigada, senhor... (*À primeira DAMA INVISÍVEL*) Veja, minha senhora, se quiser...

VELHO *ao* CORONEL INVISÍVEL. — Veja, se quiser.

VELHA, *ao* marido de BELA. — Doutor, doutor tenho náuseas, tenho dores, dores no coração, já não sinto os pés. Tenho frio nos olhos, nos dedos, sofro do fígado, doutor, doutor!

VELHO *à* VELHA. — Esse senhor não é doutor; é fotograrador!

VELHA *à* primeira DAMA. — Se já acabou de ver, pode pendurá-lo. (*Ao VELHO*) Não faz mal, ele é encantador assim mesmo. É fascinante. (*Ao FOTOGRAADOR*) Sem querer lisonjeá-lo...

VELHO. — Vamo-nos sentar.

*O VELHO e a VELHA devem agora encontrar-se atrás das cadeiras, perto um do outro, tocando-se quase, costas com costas; falam, o VELHO *à* BELA e a VELHA *ao* FOTOGRAADOR; de vez em quando uma réplica, virando a cabeça, e dirigida a um ou a outro dos dois primeiros convidados.*

VELHO *à* BELA. — Estou tão emocionado... Você é a mesma apesar de tudo... Eu amava-a há cem anos atrás. Há em si uma tal mudança... Você não mudou nada... Eu amava-a, eu amo-a...

VELHA *ao* FOTOGRAADOR. — Oh! Por favor, por favor, por favor, senhor...

VELHO *ao* CORONEL. — Nesse ponto nós concordamos.

VELHA *ao* FOTOGRAADOR. — Francamente, senhor, francamente... (*À primeira DAMA*) Obrigada por ter pendurado o quadro...

*Começa a avivar-se a luz cada vez mais à medida que entram os visitantes invisíveis.*

VELHO, *quase choramingando*. — Onde está o tempo passado?

VELHA *ao* FOTOGRAADOR. — Ohá O senhor, o senhor, mas, senhor, senhor...

VELHO, *mostrando com o dedo a primeira DAMA a BELA*. — É uma jovem amiga... É muito meiga...

VELHA, *mostrando da mesma maneira o CORONEL ao FOTOGRAADOR*. — Sim, ele é coronel de Estado-Menor a Cavallo... Um colega do meu marido... Um subalterno; meu marido é chefe.

VELHO *a* BELA. — As suas orelhas não eram assim tão pontiagudas... Lembra-se, minha bela?...

VELHA, *ao* FOTOGRAADOR, *dengosa, protesta progressivamente; deixará entrever as suas grossas meias vermelhas; levantará as suas numerosas saias; exhibirá uma anágua esburacada; descobrirá o seu busto envelhecido e depois, com as mãos na ilharga e lançando a cabeça para trás, dará gritos eróticos, quadris avançados, pernas abertas, rindo com um riso de prostituta velha. Esta atitude, completamente diferente da que ela*

*manteve até este momento e da que ela terá posteriormente, deve revelar uma personalidade escondida da VELHA. Cessará bruscamente. — Já passei da idade... Mas acha?*

VELHO *a* BELA, *muito romântico*. — Na nossa época a Lua participava da vida. Ah! Sim... Sim... Se tivéssemos tido coragem... Nós éramos crianças. Vamos tentar ir em busca do tempo perdido? Teremos forças ainda? Forças ainda? Não, não, já não. O tempo passou tão depressa quanto o vento. Deixou-nos vestígios na pele. Você acha que a cirurgia estética poderia fazer o milagre? (Ao CORONEL) Eu sou militar como o senhor; os militares nunca envelhecem; os chefes são como os deuses... (A BELA) Deveria sem assim... Mas não, não... Já não possuímos nada. Poderíamos ter sido tão felizes... Sim... Asseguro-lhe. Poderíamos sim, sim, nós poderíamos; talvez haja flores em galhos secos, quem sabe?...

VELHA *ao* FOTOGRAVADOR. — Adulador! Maroto! Ah! Ah! Eu pareço mais nova do que sou? Piratazinho! Você é excitante.

VELHO *a* BELA. — Quer ser a minha Isolda e eu o seu Tristão? A beleza está no coração... Entende? Teríamos como prêmio a alegria, a beleza, a eternidade, a eternidade... Por que não fomos mais longe que o nosso desejo? Não desejamos bastante... Perdemos tudo, tudo, tudo.

VELHA *ao* FOTOGRAVADOR. — Oh, não, oh, não, era, era, era, uf! Você dá-me arrepios. Você também sente esse friozinho? Está gelado ou a ge-

lar? Sinto-me envergonhadinha... (Ri) Gosta da minha anágua? Ou prefere este saiote?

VELHO *a* BELA. — Vida modesta de zelador!

VELHA *vira a cabeça para a primetra* DAMA INVISÍVEL. — A receita de crepes da China? Um ovo de corvo, uma hora de amora, um pouco de suco gástrico. (Ao FOTOGRAVADOR) Você tem mão de D. João, ah!, afinal de cooontas... Oh, oh, oh, oh.

VELHO *a* BELA. — A minha nobre companheira Semiramis faz as vezes de minha mãe. (Vira-se para o CORONEL) Coronel, como já lhe tinha dito, a verdade não se procura, acha-se. (Vira-se para BELA).

VELHA *ao* FOTOGRAVADOR. — Você acha sinceramente, mas sinceramente, que em qualquer idade pode ter filhos?

VELHO *a* BELA. — Foi no entanto o que me salvou: vida interior, um interior ameno, a austeridade, as minhas pesquisas científicas, a filosofia, a minha mensagem...

VELHA *ao* FOTOGRAVADOR. — Até hoje, não enganei uma só vez o meu esposo... Assim forte, não... Assim eu caio... Sou apenas a mãezinha dele... (Soluça) Uma mã... uma mã... (Empurra-o) uma mã... ãe extremosa. Estes gritos são da minha consciência. A árvore dos prazeres, para mim, há muito que secou. Procure algures outro pomar. Já não posso apanhar as rosas da madrugada...

VELHO a BELA. — As minhas preocupações são de ordem superior...

*O VELHO e a VELHA conduzem BELA e o FOTOGRAVADOR ao lado dos dois outros visitantes invisíveis e convidam-nos a sentar-se.*

VELHO e VELHA ao FOTOGRAVADOR e a BELA. — Sentem-se, sentem-se.

*Os dois VELHOS sentam-se, ele à esquerda, ela à direita, mantendo-se as quatro cadeiras vazias entre eles. Longa cena muda, pontuada de vez em quando por «não» e «sim»; os VELHOS escutam o que dizem as pessoas invisíveis.*

VELHA ao FOTOGRAVADOR. — Nós tivemos um filho... Ele está vivo, tenho a certeza, um dia foi-se embora. É uma história de todos os dias, até mesmo estranha... Ele abandonou os pais... Tinha um coração de ouro... Já há muito tempo... Nós queríamos-lhe tanto bem... Ele bateu à porta... Meu marido e eu quisemos retê-lo à força... Ele tinha sete anos, a idade da razão. Nós chamávamo-lo à razão: «Meu filho, meu menino, meu filho, meu menino...» Ele não ligou.

VELHO. — Infelizmente não, não tivemos filhos... Eu gostaria tanto de ter tido um filho... A Semiramis também... Nós esforçamo-nos... Coitada da Semiramis, ela que é tão maternal. E, no fundo, talvez tenha sido melhor. Eu mesmo fui um filho ingrato... Ah!... Tristeza, remorsos e dor... É só o que nos resta...

VELHA. — Ele dizia: «Vocês matam os passarinhos! Por que é que vocês matam os passarinhos?» Nós não matamos passarinhos... Nunca fizemos mal a uma mosca... As lágrimas caíram-lhe dos olhos e ele não nos permitia que as enxugássemos. Nem se podia tocar nele. E rejeitava: «É, sim, vocês matam todos os passarinhos...» E ameaçava-nos com as mãozinhas fechadas... «Mentirosos, estão a enganar-me! As ruas estão cheias de passarinhos mortos, de criancinhas a morrer. É o canto da despedida!... Não, de gemidos. O céu está vermelho de sangue... «Não meu filho o céu é azul...» E ele repetia sempre: «Vocês mentiram-me, a mim, que os adorava, que os achava bondosos. As ruas estão cheias de passarinhos mortos, vocês furaram-lhes os olhos... Pai, mãe, vocês são maus!... Eu não os quero mais...» Atirei-me aos seus pés... O pai dele chorava. Não pudemos contê-lo... Ouvimo-lo ainda gritar: «São vocês os responsáveis...» O que quer dizer «responsável»?

VELHO. — Deixei a minha mãe morrer sòzinha numa cova. Ela implorava-me, gemendo baixinho: «Meu filhinho, meu filho querido, não me deixes morrer sòzinha. Fica comigo. Já não vou durar muito». «Não se preocupe mãezinha, disse-lhe eu: não me demoro... Eu estava com pressa... Ia a um baile dançar. Não me demorei. Quando voltei ela já estava morta e enterrada profundamente... Cavei a terra à sua procura mas não consegui encontrá-la... Já sei, já sei, os filhos

sempre abandonam as mães... Matam um pouco os pais... A vida é assim mesmo... Mas eu sofro com isso, os outros não...

VELHA. — Ele repetia: «Paizinho, mãezinha, não os verei nunca mais...»

VELHO. — Mas eu sofro com isso, os outros não...

VELHA. — Não lembre isso ao meu marido, ele que amava tanto os pais, que não os abandonou um só instante. Cuidou deles, sempre os amou... Morreram nos seus braços dizendo: «Foste um filho exemplar. Deus te recompensará».

VELHO. — Parece-me vê-la ainda estendida na cova, um ramo de violetas na mão, suplicando: «Não te esqueças de mim... Não te esqueças de mim». Seus olhos eram vales de lágrimas; e, chamando-me pelo meu apelido de infância, implorava: «Anjinho, meu anjinho, não me deixes aqui sôzinha».

VELHA ao FOTOGRAVADOR. — Nunca nos mandou uma carta. É por amigos que de vez em quando sabemos onde está, que vai bem, que é bom marido...

VELHO a BELA. — Quando voltei já havia tempo que estava enterrada. (À primeira DAMA) Oh, sim, oh, sim, minha senhora, nós temos cinema em casa, um restaurante, banheiros...

VELHA ao CORONEL. — Mas, claro, foi justamente porque eles...

VELHO. — No fundo é isso mesmo.

*Conversa entrecortada.*

VELHA. — Contanto que...

VELHO. — Assim eu não... Eu... Evidentemente...

VELHA. — Enfim...

*Diálogo deslocado; cansaço.*

VELHO. — À nossa e aos seus.

VELHA. — Ao que...

VELHO. — Eu dei-lhe...

VELHA. — Lho ou lha?

VELHO. — Lhes.

VELHA. — Lhes, rês pês, tês.

VELHO. — Nada disso.

VELHA. — Porquê?

VELHO. — Porque sim.

VELHA. — Eu.

VELHO. — Enfim.

VELHA. — Enfim.

VELHO à primeira DAMA. — Como disse, minha senhora?

*Um longo silêncio; os VELHOS permanecem paralisados; depois ouve-se a campainha soar de novo.*

VELHO, com um nervosismo crescente. — Está gente a chegar.

VELHA. — Bem me pareceu ter ouvido barcas.

VELHO. — Vou abrir. Vai buscar cadeiras. Queiram desculpar-me, senhoras e senhores.

*Dirige-se à porta n.º 7.*

VELHA aos personagens invisíveis. — Queiram levantar-se um instante. O orador não deve tardar. É preciso preparar a sala para a conferência.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(A VELHA *arranja as cadeiras*) Ajudem-me um bocadinho. Obrigada.

VELHO *abre a porta n.º 7*. — Boa noite, minhas senhoras e meus senhores. Queiram entrar, por favor.

*As três ou quatro pessoas invisíveis que chegam são muito altas e o VELHO deve levantar-se na ponta dos pés para lhes apertar a mão. A VELHA, depois de ter colocado as cadeiras na posição acima referida, vai ter com o VELHO.*

VELHO, *fazendo as apresentações*. — Minha mulher... Senhor... A senhora... Minha mulher... Senhor... A senhora... Minha mulher...

VELHA. — Quem é, meu querido, essa gente toda?

VELHO à VELHA. — Querida, vai buscar cadeiras.

VELHA. — Eu não posso fazer tudo!...

*Deve sair resmungando pela porta n.º 6, reaparecendo pela porta n.º 7, enquanto que o VELHO virá com os recém-chegados até Centro Baixo.*

VELHO. — Cuidado com a sua máquina de filmar... (*Mais apresentações*) O Coronel... A senhora Bela... O Fotogravador... São jornalistas; vieram também ouvir o conferencista. Deve estar a chegar. Tenham um pouco de paciência. Tenho a certeza de que não vão aborrecer-se aqui... Todos juntos...

*A VELHA reaparece com duas cadeiras pela porta n.º 7.*

VELHO. — Anda! Dá cá essas cadeiras... e mais duas!

*A VELHA vai buscar outra cadeira, sempre resmungando, pela porta n.º 7 e voltará pela n.º 8.*

VELHA. — Já vai, já vai... Estou a dar o máximo... Não sou de corda... Mas, mas quem é toda essa gente?

Sai.

VELHO. — Tomem os seus lugares, tomem os seus lugares as damas com as senhoras e os senhores com os cavalheiros ou vice-versa se quiserem. Desculpem mas não temos cadeiras mais bonitas... Isto foi um pouco improvisado... Fique naquela do meio... Quer uma caneta? Telefone à Marieta, quem responde é Mariette — Cláudio é «zona norte». Não tenho rádio em casa... Recebo todos os jornais... Isso depende de muita coisa. Eu administro esta casa mas não tenho criadagem... É preciso economizar... Por favor, de momento nada de entrevistas... Depois veremos... Já vou arranjar-lhe um lugar sentado... Mas, onde é que ela se meteu? (*A VELHA aparece pela porta n.º 8 com uma cadeira*) Depressa, Semiramis...

VELHA. — Estou a fazer o mais que posso... Mas quem é essa gente toda?...

VELHO. — Explico-te mais logo.

VELHA. — E aquela? E aquela ali, meu anjo?

VELHO. — Não te preocupes... (*Ao CORONEL*) Meu coronel, o jornalismo é uma profissão que se assemelha à de guerreiro. (*À VELHA*) Faz sala

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

às senhoras, querida. (*Campainha toca. VELHO corre à porta n.º 8*) Esperem um minutinho... (*À VELHA*) Cadeiras!

VELHA. — Minhas senhoras e meus senhores, desculpem...

*Deve sair pela porta n.º 3 e voltar pela n.º 2; o VELHO vai abrir a porta escondida n.º 9 e desaparece no momento em que a VELHA reaparece pela porta n.º 3.*

VELHO, escondido. — Passem, passem... Passem... (*Reaparece trazendo com ele uma quantidade de pessoas invisíveis, entre as quais um menino pela mão*) Não se trazem crianças às conferências políticas... Ele vai aborrecer-se, coitadinho... Se desata a chorar e a fazer chichi nas saias das senhoras, vai ser bonito!... (*Acompanha-os até o meio da sala e a VELHA chega com duas cadeiras*) Apresento-lhes minha mulher, Semiramis. São os meninos dela.

VELHA. — Senhoras e senhores... Ah! Que engraçadinhos...

VELHO. — Esse é o mais pequenino.

VELHA. — Que bonitinho... bonitinho... bonitinho...

VELHO. — Não há cadeiras que cheguem.

VELHA. — Ena... ê...

*Vai buscar outra cadeira; utilizará agora, para entrar e sair, as portas n.º 2 e 3.*

VELHO. — Ponha o pequeno no colo. Eu pego neste. Os gémeos podem usar uma só cadeira. Cuidado, elas não são muito sólidas... São as cadeiras da casa... Pertencem aos proprietários. Sim, sim, meus meninos, ele vai zangar-se com a gente... Ê mesmo mau... Ele quer vendê-las... mas elas não valem nada. (*A VELHA chega a correr com uma cadeira*) Vocês ainda não se conhecem todos... Estão a ver-se pela primeira vez... mas já ouviram falar uns dos outros... (*À VELHA*) Semiramis, ajuda-me a fazer as apresentações...

VELHA. — Mas quem é essa gente toda?... Aqui é... Permita-me... Aqui é... E quem é essa gente?

VELHO. — Permita-me que lhe apresente... que os apresente... que eu a apresente... Senhor, senhora, menina... senhor... senhora... senhora... senhor... Dom...

VELHA ao VELHO. — Queres um agasalho? (*Aos invisíveis*) Senhor, senhora, senhor...

*Novo toque de campainha.*

VELHO. — Mais gente!

*Outra campainhada.*

VELHA. — Mais gente!

*Outra campainhada e mais outra. O VELHO está atarefadíssimo; as cadeiras viradas para o estrado, espaldares para o público, formam filas regulares em forma de anfiteatro. O VELHO, ofegante, enxugando o rosto, vai de uma à outra,*

*acomoda os visitantes, enquanto a VELHA, mancando, esgotada, vai o mais depressa que pode de uma porta a outra, buscar mais cadeiras. Há agora muitas pessoas invisíveis no palco, os VELHOS têm o cuidado de não esbarrar nas pessoas, ao passar entre as filas. O movimento poderá fazer-se da seguinte maneira: o VELHO vai à porta n.º 4, a VELHA sai pela n.º 3 e volta pela n.º 2. O VELHO vai abrir a n.º 7, a VELHA sai pela n.º 8 e volta pela n.º 6 com as cadeiras, etc., a fim de fazer a volta do palco pela utilização de todas as portas.*

VELHA. — Com licença... Com licença... Como?... Bem... Com licença... Com licença...

VELHO. — Meus senhores... passem... Minhas senhoras... passem... Aqui é a senhora... Permita-me... Sim.

VELHA, *com as cadeiras*. — Ai... ai... São muitos... Francamente é demais... tanta gente... tãaaanta... ai... ai... ai...

*Ouve-se lá fora cada vez mais e mais forte o deslizar das barcas na água, todos os ruídos vêm apenas dos bastidores. A VELHA e o VELHO continuam o movimento indicado acima, abrem-se as portas e trazem-se cadeiras. Campainhadas.*

VELHO. — Esta mesa está a atrapalhar. (*Muda, ou antes, esboça o movimento de mudar uma*

*mesa, de modo a não afrouzar o ritmo, ajudado pela VELHA*) Não há lugar aqui, desculpem...

VELHA, *esboçando o gesto de limpar a mesa, ao VELHO*. — Queres um agasalho?

*Campainhadas.*

VELHO. — Mais gente! Cadeiras! Gente! Cadeiras! Entrem, entrem, senhoras e senhores... Semiramis, mais depressa... Nós vamos ajudar-te...

VELHA. — Com licença... Com licença... Boa noite, senhora... Senhora... Senhor... Sim, sim, as cadeiras...

VELHO, *enquanto toca cada vez com mais força e que se ouve perto o barulho das barcas no cais, emaranha-se nas cadeiras e não chega quase a ter tempo de ir de uma porta a outra, tal a sucessiva rapidez das campainhadas*. — Sim, já vou... Quer um agasalho? Sim, sim... Calma...

VELHA. — Queres um agasalho? O meu agasalho? Com licença.

VELHO. — Por aqui, senhoras e senhores, suplico-lhes... Su... Com licença... plico... Passem, passem, vou levá-los... Ali, os lugares... Cara amiga... Por aí não... Cuidado... Você, minha amiga?

*Depois de um longo momento, sem palavras, ouvem-se as ondas, as barcas, as campainhadas ininterruptas. O movimento atinge o seu ponto culminante de intensidade. Agora, as portas abrem-se e fecham-se todas sem parar. Somente a grande porta do fundo permanece fechada. Vai-*

vém dos VELHOS, sem uma palavra, de uma porta a outra; eles parecem rolar de patins: o VELHO recebe as visitas, acompanha-as mas não sai quase do seu lugar: indica-lhes apenas os lugares fazendo um ou dois passos, por falta de tempo. A VELHA traz cadeiras. O VELHO e a VELHA encaminham-se da Direita para a Esquerda e vice-versa, para todas as portas, e indicam os lugares por sinais. Os braços agitam-se como os de um sinaleiro. Finalmente a VELHA parará com uma cadeira na mão, que largará, retomará, largará de novo, simulando querer ir de uma porta à outra, da Direita para a Esquerda e vice-versa, mexendo rapidamente a cabeça e o pescoço; isto não deve afrouxar o movimento da cena; os VELHOS devem dar sempre a impressão de não pararem, ficando quase no mesmo lugar; as suas mãos, tronco, cabeça e olhos agitar-se-ão, desenhando talvez pequenos círculos. Depois, afrouxamento, ao princípio suave, progressivo, do movimento, as campainhas menos fortes, menos frequentes; as portas abrir-se-ão cada vez menos rápidas; os gestos dos VELHOS afrouxarão progressivamente no momento em que as portas deixarem de se abrir ou de se fechar, as campainhas de tocar. Deve-se ter a impressão de que o palco está a transbordar de gente.

Semiramis, ouve...

VELHA, num grande gesto, mostrando as mãos vazias. — Não há mais cadeiras, meu anjo! (Depois, bruscamente ela começará a vender progra-

mas invisíveis na sala repleta, portas fechadas) Olha o programa... Quem quer o programa da noite! Peçam o programa!

VELHO. — Calma, meus senhores e minhas senhoras, já vão ser atendidos... Todos terão a sua vez... Por ordem de chegada... Há lugar para todos; terão o seu programa... Vamos dar um jeito.

VELHA. — Olha o programa! Espere um pouco, minha senhora! Não posso satisfazer todos ao mesmo tempo. Não tenho 33 mãos! Não sou burro de carga! O senhor quer ter a bondade de passar o programa à sua vizinha? Obrigada... O meu troco... o meu troco...

VELHO. — Mas eu já disse que lhe vou arranjar lugar! Não se enervem! É por aqui, por ali, por acolá! Cuidado... Oh, caro amigo, caros amigos...

VELHA. — Olha o programa!... Olha o programa!... graaaama...

VELHO. — Sim, meu caro, ela está ali, a vender os programas... Não existem profissões parvas... É ela... Já a viu?... Tem um lugar ali na terceira fila... à direita... Não, na segunda à esquerda... Isso mesmo!...

VELHA. — Graa...ma, graaaa...ma, olha o programa! Olha o programa!

VELHO. — Que quer que eu faça? Estou a fazer o melhor que posso! (Aos personagens invisíveis sentados) Apertem um pouquinho, por favor, mais um lugarzinho. É para a senhora. Ve-

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

nha. (*Sobe para o estrado empurrado pela multidão*) Minhas senhoras e meus senhores, queiram perdoar-nos mas não há mais lugares sentados...

VELHA, *que se encontra no outro extremo em frente do VELHO entre a porta n.º 3 e a janela.* — Olha o programa... Quem quer o programa! Rebuçados, caramelos, chocolates! (*Não podendo mais mexer-se, ela, apertada pela multidão, lança os programas e os rebuçados invisíveis por cima das cabeças invisíveis*) Tomem! Tomem!

VELHO, *de pé no estrado, animadíssimo, acotovelado, desce dali, volta a subir, desce de novo, choca com um rosto, leva uma cotovelada, e diz:* — Perdão... Mil perdões... Preste atenção...

*Empurrado, ele cambaleia, tem dificuldade em retomar o equilíbrio, agarra-se às costas de alguém.*

VELHA. — Quem é essa gente toda?... Olha o programa, peçam o programa, rebuçados, caramelos, chocolates.

VELHO. — Senhoras, meninas e senhores, um minuto de silêncio! É muito importante!... As pessoas que não têm lugar sentadas façam o favor de desimpedir a passagem!... Não estacionem entre as cadeiras...

VELHA ao VELHO, *aos berros.* — Quem é essa gente toda, meu queridinho? Que vêm eles fazer aqui?

VELHO. — Façam o favor de desobstruir a passagem! Quem não tem lugar sentado deve — para

o bem comum — ficar encostado à parede; ali à direita ou à esquerda... Não se preocupem, todos vão ver e ouvir tudo!

*Há um grande borbórinho; empurrado pela multidão, o VELHO dará quase a volta ao palco, indo parar na janela da Direita, perto do escadote.*

VELHO, *fazendo o movimento indicado.* — Não empurrem, não empurrem.

VELHA, *mesmo movimento.* — Não empurrem, não empurrem.

VELHO, *mesmo movimento.* — Não empurrem, não empurrem.

VELHA, *mesmo movimento.* — Não empurrem, não empurrem, senhoras e senhores, não empurrem, senhoras e senhores.

VELHO, *mesmo movimento.* — Calma... Devagar... Calma... O que é que...

VELHA, *mesmo movimento.* — Até parecem selvagens!

*Eles chegaram finalmente aos lugares definitivos, cada um na sua janela; o VELHO à esquerda, a VELHA à direita. Não se movimentarão mais até ao fim.*

VELHA, *chamando o VELHO.* — Meu amor... Não te estou a ver, onde estás? Quem é esta gente? Que é que eles querem? Quem é aquele?

VELHO. — Onde estás? Onde estás, Semiramis?

VELHA. — Meu amor, onde estás?

VELHO. — Aqui, perto da janela... Estás a ouvir?...

VELHA. — Sim, ouvi a tua voz!... Há muitas... Mas já distingui a tua...

VELHO. — E tu onde estás?

VELHA. — Na janela também! Meu querido, estou com medo... Há muita gente... Estamos longe um do outro... Na nossa idade é preciso ter cuidado... Podemos perder-nos... É preciso estarmos juntos... Nunca se sabe, meu amor, meu amor...

VELHO. — Ah!... Já te descobri, oh!, vamos estar juntos, depois não tenhas receio... Estou entre amigos. (*Aos amigos*) É um prazer cumprimentá-los. Mas, claro, eu creio no progresso ininterrupto, com alguns solavancos apesar de tudo, apesar de tudo...

VELHA. — Vou indo, obrigada... Que mau tempo! Que noite linda, não é? (*À parte*) Ainda estou com medo... Que é que eu estou a fazer aqui?... (*Grita*) Meu amor! Meu amor!...

*Cada um de seu lado falará com os convidados.*

VELHO. — Para impedir a exploração do homem pelo homem, é preciso dinheiro, muito dinheiro, sempre dinheiro...

VELHA. — Meu amor! (*Ocupada pelos amigos*) Sim, meu marido está aí, é ele que organiza ali... Ah... Ah... Não vai conseguir chegar lá... Só se fosse possível atravessar... Ele está entre amigos...

VELHO. — Claro que não! Eu sempre disse... Lógica pura não existe... Só imitação.

VELHA. — Veja lá... Há gente feliz neste mundo. De manhã, tomam o café no avião, ao meio-dia almoçam no comboio e à noite jantam no navio. Passam a noite em camiões que rodam, rodam, rodam...

VELHO. — O senhor refere-se à dignidade do homem? Ora, procuremos pelo menos salvar a honra. A dignidade é apenas o seu reverso.

VELHO. — Não caia na escuridão.

*Dá gargalhadas enquanto fala.*

VELHA. — Claro, conte-me tudo...

VELHO. — Eu convoquei-os todos... para que lhes expliquem... O indivíduo e a pessoa são uma única e a mesma pessoa.

VELHA. — Tem muito pose, mas é emprestada. Ele deve-nos muito dinheiro.

*Pausa.*

VELHO. — Eu não sou eu, sou outro. Sou um no outro.

VELHA. — Meus queridos, desconfiai uns dos outros.

VELHO. — Às vezes eu acordo no meio do silêncio absoluto. É a esfera perfeita. No entanto preciso de prestar atenção. A sua forma pode desaparecer de repente. Existem vazios por onde ela se escapa.

VELHA. — São apenas fantasmas, fantasmas à toa... O meu marido, sim, exerce funções importantes, sublimes.

VELHO. — Desculpe mas não sou da mesma opinião!... Depois lhe digo qual é... Agora não!... Aquele por quem esperamos, o orador, é quem lhes dirá, quem responderá a todos os problemas que nos interessam. Ele lhes explicará tudo... Quando?... Quando for chegado o momento... O momento está para vir...

VELHA, *aos amigos que a cercam.* — Quanto mais cedo melhor... é claro... (*À parte*) Eles não vão deixar-nos em paz. Vão-se embora!... O meu maridinho, onde está ele? Perdi-o de vista.

VELHO, *aos amigos que o cercam.* — Não se impacientem, todos escutarão a mensagem daqui a pouquinho.

VELHA, *à parte.* — Ah! Ouvi a voz dele... (*Aos amigos*) Vocês sabem, o meu esposo foi sempre incompreendido, mas a hora dele chegou.

VELHO. — Escute-me bem: Eu tenho uma grande experiência em todos os domínios da vida, do pensamento... E não sou um egoísta: Quero que a humanidade aproveite...

VELHA. — Ai! Pisaram-me os pés... Tenho calos!

VELHO. — Organizei todo um sistema... (*À parte*) O orador já devia ter chegado! (*Alto*) Eu sofri muito.

VELHA. — Nós sofremos muito (*À parte*) O orador já devia ter chegado. Tá na hora.

VELHO. — Sofri muito, aprendi muito.

VELHA, *como eco.* — Sofri muito, aprendi muito.

VELHO. — Vocês vão ver, o meu sistema é perfeito.

VELHA, *como eco.* — Vocês vão ver, o seu sistema é perfeito.

VELHO. — Se seguirem as minhas instruções.

VELHA, *eco.* — Se seguirem as suas instruções.

VELHO. — Salvemos o mundo!...

VELHA, *eco.* — Salvar a sua alma, salvando o mundo.

VELHO. — Uma única verdade para todos!

VELHA. — Uma única verdade para todos!

*Eco.*

VELHO. — Sigam-me!

VELHA. — Sigam-no!

*Eco.*

VELHO. — Pois eu tenho a certeza absoluta.

VELHA, *eco.* — Nunca jamais. (*De repente ouve-se nos bastidores um barulho de sanfarras*) Que é que aconteceu?

*O barulho aumenta, pois a porta do fundo escancarou-se com grande estrondo; pela porta aberta não se enxerga nada, mas uma luz potente invade o palco através da dita e as janelas, que à chegada do IMPERADOR ficam intensamente iluminadas.*

VELHO. — Não sei... Não acredito... Será possível?... Mas é... Mas é... incrível... É, no entanto é... é... Sim, é, é... é o Imperador! Sua Majestade o Imperador!

*Luz na intensidade máxima pela porta aberta, pelas janelas, mas os ruídos deverão cessar bruscamente.*

VELHA. — Meu amor... meu amor... Quem é?

VELHO. — Levantem-se... É Sua Majestade o Imperador! O Imperador na minha casa... na nossa casa... Semiramis, estás a ver?

VELHA, *não compreendendo*. — O Imperador!... O Imperador... Meu querido! (*De repente compreende*) Ah! É o Imperador! Majestade! Majestade! (*Faz mil reverências e salamaleques*) Em nossa casa!

VELHO, *chorando de emoção*. — Majestade!... Ó Majestade minha! Majestadezinha! Minha grande Majestade! Oh, é um sonho maravilhoso!...

VELHA, *eco*. — Sonho maravilhoso... vilhoso...

VELHO, *à multidão invisível*. — Minhas senhoras e meus senhores, levantem-se! Nosso Senhor Bem-Amado, o Imperador, está entre nós! Viva! Viva!

*Sobe ao escadote, levanta-se na ponta dos pés para poder ver o IMPERADOR; a VELHA idem.*

VELHA. — Viva! Viva!

*Agitação.*

VELHO. — Vossa Majestade... Estou aqui!... Vossa Majestade está a ouvir-me? Está a ver-me? Digam a Sua Majestade que eu estou presente! Majestade! Majestade! O vosso fiel servidor está aqui!...

VELHA, *fazendo sempre eco*. — Vosso mais fiel servidor, majestade!

VELHO. — O vosso servidor, o vosso escravo, o vosso cão, au! au! O vosso cão, au! au! Majestade!

VELHA *late como cachorro*. — Au, au, au, au!

VELHO, *esfregando as mãos*. — Está a ver-me, Majestade? Responda, Alteza! Ah! Descobri Vossa Majestade! Vi a figura augusta de Vossa Majestade! Vossa fronte divina... Eu vi, apesar do muro dos cortesãos.

VELHA. — Apesar dos cortesãos... Estamos aqui, Majestade!

VELHO. — Majestade! Majestade! Não deixem que Sua Majestade fique de pé. Está a ver, Majestade, eu sou o único a cuidar de vós, da vossa saúde, sou o mais fiel dos vossos súbditos.

VELHA, *eco*. — Os mais fiéis súbditos de Vossa Majestade.

VELHO. — Deixem-me passar, senhoras e senhoras... Como fazer para abrir um caminho nesta confusão?... Preciso de ir render homenagem a Sua Majestade o Imperador. Deixem-me passar...

VELHA, *eco*. — Deixem-no passar... Deixem-no passar... passar, passar...

VELHO. — Deixem-me passar, mas deixem-me passar. (*Desesperado*) Ah! Não chegarei nunca perto dele...

VELHA, *eco*. — Perto dele, dele...

VELHO. — No entanto, o meu coração e todo o meu ser estão a seus pés, esta chusma de cortesãos cerca-o, ah! Quer impedir-me de chegar perto dele... Eles não suspeitam sequer que eu... Eu cá me entendo, sei o que estou a dizer... Intrigas de corte... Já sei... Querem afastar-me de Vossa Majestade!

VELHA. — Calma, meu querido... Sua Majestade vê-te, olha-te... Sua Majestade piscou-me o olho... Sua Majestade está do nosso lado.

VELHO. — Que seja para o Imperador o melhor lugar... Perto do estrado... Que ele possa ouvir tudo o que vai dizer o orador.

VELHA, *subindo o escadote, na ponta dos pés, erguendo o queixo o mais alto possível para ver melhor.* — Finalmente alguém resolveu ocupar-se da Sua Majestade.

VELHO. — Deo Gratias! (Ao IMPERADOR) Que Vossa Majestade tenha confiança. É um amigo, meu delegado, esse que está perto de Vossa Majestade. (Na ponta dos pés, sobre o escadote) Senhores, senhoras, meninas e meninos, imploro-vos...

VELHA, *eco.* — ... Ploro-vos, ploro-vos...

VELHO. — Eu gostaria de ver... Afastem-se... Eu gostaria... O olhar celeste, o respeitável semblante, a coroa, a auréola de Sua Majestade... Senhor, dignai-vos virar a vossa ilustre face para o meu lado, para o vosso humilde servidor... tão humilde... Oh! Eu vejo nitidamente, desta vez... Eu vejo...

VELHA, *eco.* — Ele vê desta vez... Ele vê... vê... é...

VELHO. — Estou no auge da alegria... Não tenho palavras para expressar a incomensurável gratidão... Na minha modesta casa, oh, Majestade!... Aqui... Aqui, nesta casa, sou apenas um zelador-chefe.

VELHA, *eco.* — ...Zelador-chefe.

VELHO. — Estou orgulhoso... Orgulhoso e humilde... ao mesmo tempo... Como é justo... Infeliz... infelizmente, eu não passo de um zelador-chefe; poderia viver na corte imperial e apenas vigio aqui uma pequena corte... Majestade, não consigo expressar-me... Poderia ter tido... muitas coisas, muitas propriedades, se soubesse, se eu quisesse, se eu, se eu, se nós... Majestade, perdoe a minha comoção.

VELHA. — Na terceira pessoa.

VELHO, *choramingando.* — Que Vossa Majestade se digne perdoar-me. Senhor, vós viestes e e... nós já não contávamos... Poderíamos até nem estar presentes... Oh, salvador, nesta vida eu fui humilhado...

VELHA, *eco, choramingando.* — ... Milhado... milhado...

VELHO. — Sofri muito na minha vida... Poderia ter sido alguém, se tivesse tido o apoio de Vossa Majestade... Não tenho o menor apoio... Se vós não tivésseis vindo, teria sido irremediavelmente tarde... Vós sois o meu último socorro...

VELHA, *eco* — Último socorro... Senhor... último socorro... nhor... socorro...

VELHO. — Não dei sorte aos meus amigos, a todos os que me ajudaram... A fatalidade decepava a mão que tentava ajudar-me...

VELHA, *eco*. — ...Mãos que ajudavam... ajudavam... avam...

VELHO. — Fui sempre amado pelos meus feitos e odiado pelas minhas qualidades.

VELHA. — Não é verdade, meu tesouro, não é verdade. Eu amo-te, eu sou a tua mãezinha.

VELHO. — Todos os meus inimigos foram recompensados e todos os meus amigos me traíram.

VELHA, *eco*. — Amigos... traíram... traíram...

VELHO. — Fizeram-me sofrer. Perseguiram-me e, se eu me queixava, era a eles que davam razão. Tentei vingar-me várias vezes... Não o consegui nunca... Jamais pude vingar-me... Na altura tinha pena. Não queria atacar um inimigo desarmado. Sempre fui bom demais.

VELHA, *eco*. — Ele foi bom demais... mais bom... bom... bom... bom... bom...

VELHO. — Fui vítima da minha bondade...

VELHA, *eco*. — ...Dade... dade... dade...

VELHO. — Mas eles eram sem piedade. Eu espetava-lhes um alfinetinho e eles logo me espancavam a valer com trancas, canhões, esfarelavam-me os ossos...

VELHA, *eco*. — ...ossos... ossos... ossos...

VELHO. — Tomavam-me o lugar, roubavam-me, assassinavam-me... Eu era o coleccio-

nador de acidentes... o pára-raios das catástrofes...

VELHA, *eco*. — Pára-raios... Catástrofes... Pára-raios...

VELHO. — Para esquecer, Majestade, decidi fazer desporto... Fiz alpinismo... Puxaram-me os pés para eu rolar no precipício... Quis subir escadas e fizeram apodrecer os degraus... Desmoro-nei... Quis viajar... Negaram-me o passaporte... Quis atravessar o rio, cortaram-me as pontes...

VELHA, *eco*. — ...Cortaram as pontes...

VELHO. — Quis transpor os Pirinéus... Tinham escondido os Pirinéus...

VELHA, *eco*. — ...Escondido os Pirinéus... Ele poderia ter sido também como tantos outros, um redactor-chefe, actor-chefe, doutor-chefe, Majestade, um rei-chefe!

VELHO. — Além disso nunca me consideraram, nunca me enviaram convites... No entanto, eu, escute bem, senhor, o que estou a dizer, eu sozinho poderia ter salvo a pobre humanidade, Vossa Majestade sabe isso tão bem como eu... Ou pelo menos teria podido evitar todos os males de que ela sofre há cinco lustres, se eu tivesse tido ocasião de comunicar a minha mensagem; não perdi a esperança de salvá-la, ainda estou a tempo; tenho um plano... Ai de mim, eu não tenho o dom da palavra...

VELHA, *por cima das cabeças invisíveis*. — O orador vai vir, falará de por ti... Sua Majestade está aqui, assim, vão escutar desta vez, não deves

**Teatro de Arena**

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90070-025

preocupar-te meu querido, tens todos os trunfos, as coisas mudaram... mudaram...

VELHO. — Que Vossa Majestade me perdoe... Vós tendes outras preocupações... Fui humilhado... Senhoras e senhores, afastem-se um pouquinho, não escondam completamente o nariz de Sua Majestade, quero ver os diamantes da coroa imperial... Mas se Vossa Majestade se dispôs a vir ao meu lar miserável é certamente porque condescende em aceitar a minha modesta pessoa. Que magnífica compensação! Majestade, se materialmente me levanto na ponta dos pés, não é por orgulho, é apenas para vos contemplar! Moralmente lanço-me aos vossos pés...

VELHA, *soluçando*. — Aos vossos pés... Senhor, nós pomos-nos aos vossos pés, aos vossos calcanhares...

VELHO. — Tive sarna. O meu patrão despediu-me porque eu não cumprimentava o seu bebé, o seu cavalo. Levei pontapés no rabo, mas tudo isso, senhor, já não me importava... visto que... visto que... Senhor... Majestade... Olhe... Eu estou aqui... aqui...

VELHA, *eco*. — Aqui... aqui... aqui... aqui... aqui...

VELHO. — Visto que Vossa Majestade está aqui... Visto que Vossa Majestade tomará em consideração a minha mensagem... Mas o orador já aqui devia estar... Ele está a fazer esperar Sua Majestade.

VELHA. — Que Sua Majestade se digne desculpá-lo. Ele deve vir daqui a pouco. Telefonaram-nos a avisar.

VELHO. — Sua Majestade é magnânima. Sua Majestade não poderá partir assim sem ter compreendido tudo.

VELHA, *eco*. — ...Tudo... tudo... tudo... tudo...

VELHO. — É ele que vai falar em meu nome... Eu, por mim não posso... Não tenho talento para isso... Ele tem todos os documentos.

VELHA. — Tem todos os documentos...

VELHO. — Um pouco de paciência, senhor: peço-vos... Ele deve vir...

VELHA. — Deve estar a chegar de um momento para o outro.

VELHO, *para que o IMPERADOR não fique impaciente*. — Majestade, escutai, tive a revelação há muito tempo, tinha eu 40 anos... Digo isto para todos vós, senhoras e senhores... Uma noite, depois do jantar, como de costume, antes de ir deitar-me sentei-me no colo do meu paizinho... Os meus bigodes eram mais fortes e mais aguçados do que os dele... O meu peito mais peludo... Os meus cabelos já grisalhos, os dele eram ainda castanhos... Havia convidados, gente grande, sentados à mesa, que começaram a rir, a rir.

VELHA, *eco*. — Rir... rir... rir...

VELHO. — «Não pensem que estou a brincar, disse eu, gosto muito do meu pai». Eles responderam-me: «Já é meia-noite, são horas de os meni-

nos irem para a cama. Se você não for já fazer oó é porque não é miúdo».

VELHA, *eco*. — Udo... udo...

VELHO. — No entanto, pensava, eu não sou casado, portanto ainda sou uma criança, casaram-me nesse instante só para provar o contrário... Felizmente a minha mulher fez as vezes de pai e de mãe...

VELHA. — O orador vai vir, Majestade...

VELHO. — Ele virá, o orador.

VELHA. — Virá.

VELHO. — Virá.

VELHA. — Vem, chegou.

VELHO. — Vem, chegou.

VELHA. — Vem, chegou.

VELHO. — Vem, chegou.

VELHO e VELHA. — Chegou.

VELHA. — Ei-lo!

*Silêncio. Interrupção de todo o movimento; petrificados, os dois VELHOS fixam o olhar na porta n.º 5; esta cena imóvel dura bastante tempo, um meio minuto mais ou menos; muito lentamente, muito lentamente, a porta abre-se totalmente, em silêncio; depois, o ORADOR*

*aparece; é um personagem real. É o tipo do poeta, do pintor do século passado: chapéu de aba larga, laço à Lavalère, blusão, bigode e cavanhaque, ar cabotino, auto-suficiente; se os personagens invisíveis devem ter o máximo de irrealdade possível, o orador, por sua vez, deverá parecer real; roçando a parede da direita, ele irá como deslizando levemente até ao fundo, em frente da grande porta, sem virar a cabeça, à direita ou à esquerda; deve passar perto da VELHA, sem parecer notá-la, e ela puxar-lhe-á pelo braço para ter a certeza de que ele existe; nesse momento o VELHO dirá:*

VELHO. — Ei-lo!

VELHA, *que o seguiu com o olhar e continuará a segui-lo*. — É ele mesmo, ele existe, em carne e osso.

VELHO, *seguinto-o com o olhar*. — Ele existe. É ele mesmo. Não é um sonho!

VELHA. — Não é um sonho, eu bem te tinha dito.

*O VELHO cruza as mãos e olha para o alto; exulta um silêncio. O ORADOR, chegado ao fundo, tira o chapéu, inclina-se em silêncio, saúda com o chapéu como um mosquiteiro e um pouco como um autómato, diante do IMPERADOR INVISÍVEL. Nesse momento...*

VELHO. — Majestade... apresento-lhe o orador...

VELHA. — É ele!

*Depois o ORADOR cobre-se e sobe ao estrado, onde observa do alto o público invisível do palco, as cadeiras; para-lisa-se numa pose solene.*

VELHO, ao público invisível. — Podem pedir-lhe autógrafos...

*Automáticamente, silenciosamente, o ORADOR assina e distribui inúmeros autógrafos. O VELHO durante esse tempo levanta mais alto a cabeça, juntando as mãos; fala exultando.*

VELHO. — Nenhum homem, em vida, pode esperar mais do que isto...

VELHA, eco. — Nenhum homem pode esperar muito...

VELHO, à multidão invisível. — E agora, com a permissão de Vossa Majestade, dirijo-me a todos vós, senhoras e senhores, meus meninos, estimados colegas, caros compatriotas, senhor presidente, meus caros companheiros de armas...

VELHA, eco. — E meus meninos... inos... inos...

VELHO. — Dirijo-me a todos vós, sem distinção de idade, de sexo, de estado civil, de nível social ou comercial, para agradecer-vos do fundo do coração...

VELHA, eco. — Agradecer-vos...

VELHO. — Como também ao orador... calorosamente, por serem tantos a ter vindo... Silêncio, meus senhores!...

VELHA, eco. — ...Silêncio, meus senhores...

VELHO. — Quero agradecer também a todos os que tornaram possível esta reunião, aos organizadores...

VELHA. — Bravo!

*Durante este tempo, no estrado, o ORADOR está imóvel, solene, excepto a mão que assina autógrafos.*

VELHO. — Aos proprietários deste recinto, ao arquitecto, aos pedreiros que construíram esta casa, ao marceneiro que fez as cadeiras em que estão sentados, ao artesão perfeito...

VELHA, eco. — ...Feito...

VELHO. — ...Que fez a poltrona em que se afunda molemente Sua Majestade, o que não o impede, no entanto, de conservar um espírito são e activo... Obrigado ainda a todos os técnicos, maquinistas, electricistas...

VELHA. — ...Istas... istas...

VELHO. — Aos fabricantes de papel, aos impressores, revisores, redactores, a quem devemos os programas tão lindamente decorados, obrigado à solidariedade universal de todos os homens, obrigado à nossa pátria, ao Estado (*Volta-se para o lado em que se encontra o IMPERADOR*), do qual Vossa Majestade maneja o leme com a ciência de um grande piloto... Obrigado à indicadora...

VELHO aponta a VELHA. — ...À vendedora de rebuçados, bombons, caramelos e programas...

VELHA, *eco*. — ...gramas... gramas...

VELHO. — ... Minha esposa, minha companheira... Semíramis...

VELHA, *eco*. — ...Posa... panheira... íramis...  
(*À parte*) Meu anjo, não se esquece nunca de falar de mim...

VELHO. — Obrigado a todos os que me ajudaram financeira e moralmente de modo preciso e eficaz, contribuindo para o êxito completo desta festa... Obrigado ainda... Obrigado principalmente ao nosso rei bem-amado, Sua Majestade o Imperador...

VELHA, *eco*. — ...Tade... o Imperador...

VELHO, num silêncio total. — ...Um pouco de silêncio... Majestade...

VELHA. — ...Tade... tade...

VELHO. — Majestade, minha mulher e eu não temos mais nada a esperar da vida. A nossa existência pode terminar com esta apoteose... Obrigado aos céus que nos concederam longa e tranquila existência, a minha vida foi abençoada, a minha missão está terminada. Não terei vivido em vão, visto que a minha mensagem será transmitida ao mundo... (*Gesto para o ORADOR, que não o vê. Este, muito digno e resolutivo, rejeita com a mão os pedidos de autógrafos*)... ao mundo... ou melhor, ao que resta! (*Grande gesto para a multidão invisível*) A vós, senhoras e senhores, caros colegas, que sois o resto da humanidade,

mas com tais restos pode-se ainda fazer uma boa sopa... Orador amigo... (*O ORADOR olha para o outro lado*) Se fui por muito tempo ignorado, subestimado pelos meus conterrâneos, é porque não podia ser de outra forma... (*Ela soluça*) Mas que importa agora tudo isto que te deixo a ti, meu caro orador e amigo? (*O ORADOR recusa um novo pedido de autógrafos, depois assume um ar indiferente e olha para todos os lados*). A tarefa de fazer brilhar para a prosperidade a luz do meu espírito; fazer conhecer ao universo a minha filosofia... Não esqueças as promessas, ora divertidas ora enternecedoras, da minha vida íntima. Meus gostos, minha alegre gulodice... Diz tudo... Fala da minha companheira, do jeito com que ela prepara as suas maravilhosas empadinhas, os seus croquetes de coelho à caçadora... Fala do Berry, minha terra natal; conto contigo, grande mestre e orador... Quanto a mim e à minha fiel companheira, após tão longos anos de felicidade e trabalho pelo progresso da humanidade, durante os quais fomos soldados de uma justa causa, só nos resta retirar-nos... agora mesmo, a fim de fazer o sacrifício supremo que ninguém nos pede mas que nós cumprimos apesar de tudo...

VELHA, *soluçando*. — Sim, sim, morramos em plena glória... Morramos para entrar na história... Pelo menos teremos uma rua nossa, com o nosso nome...

VELHO à VELHA. — Oh! Tu, minha fiel companheira!... Tu, que acreditaste em mim sem desfalecer durante um século; que nunca me deixaste! Ai de mim, hoje, neste momento supremo a multidão separa-nos sem piedade.

Um dia pensei,  
pensei que poderia  
juntar os nossos ossos  
na mesma anatomia.

Na mesma cova um dia  
pasto dos vermes serem  
nossas carnes velhas  
... e juntos apodrecer.

VELHA. — ...Juntos apodrecer...

VELHO. — Ai de mim... Ai de mim...

VELHA. — Ai de mim! Ai de mim!

VELHO. — ...Os nossos cadáveres cairão longe um do outro, apodreceremos na solidão apática... Não nos queixaremos muito...

VELHA. — Faça-se o que deve ser feito!...

VELHO. — Não seremos esquecidos. O imperador eterno sempre se lembrará de nós.

VELHA, *eco*. — ...Sempre...

VELHO. — Deixaremos rastros, pois nós somos gente e não cidade.

VELHO e VELHA, *junto*. — Teremos uma rua com o nosso nome.

VELHO. — Sejamos no tempo e na eternidade unidos, se não o podemos ser no espaço tal como o fomos na adversidade. Morramos no mesmo instante. (*Ao ORADOR impassível*) Pela última vez... Confio em ti... Conto contigo, dirás tudo... Logo a mensagem... (*Ao IMPERADOR*) Que Vossa Majestade me perdoe... Adeus para todos, adeus Semíramis...

VELHA. — Adeus para todos!... Adeus meu querido!...

VELHO. — Viva o Imperador.

*Atira confettis e serpentinas sobre o IMPERADOR. Ouvem-se fanfarras. Luz viva como de artifício.*

VELHA. — Viva o Imperador!

*Confettis e serpentinas em direcção do IMPERADOR e do ORADOR imóvel e impassível e depois sobre as cadeiras vazias.*

VELHO, *mesmo movimento*. — Viva o Imperador!

VELHO, *idem*. — Viva o Imperador!

VELHO e VELHA, *ao mesmo tempo, atiram-se pela janela gritando*. — Viva o Imperador!

*Bruscamente o silêncio; cessou o fogo de artifício, ouve-se um Ah! dos dois lados do palco, o ruído seco de corpos caídos na água. A luz fraca do começo; as janelas todas abertas para a escuridão; as cortinas balançam ao vento.*

**Teatro de Arena**

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ORADOR, que ficou imóvel durante o duplo suicídio, decide-se a falar ao cabo de alguns instantes. Frente às filas de cadeiras vazias faz compreender à multidão que é surdo e mudo; faz sinais de surdo e mudo, esforços desesperados para se fazer compreender; depois exprime-se através de guinchos e sons guturais de mudo. — He, mme, rim, rum, rum, ju, ju, hou, hou. Heu, heu, gu, gou, gueue.

Incapaz, deixa cair os braços ao longo do corpo; de repente o seu rosto ilumina-se, tem uma ideia, vira-se para o quadro negro, tira um giz do bolso e escreve em maiúsculas graúdas:

ANJOPÃO.

Depois:

NNAA N NM NWNWNW V.

Vira-se de novo para o público invisível, o público do palco, aponta com o dedo o que escreve no quadro negro.

Mmm, M... Mmm, gueue, gou, gu, Mmm, mmm, mmm, mmm.

Depois, descontente, apaga com gestos bruscos, os sinais escritos a giz e faz outros, entre os quais se distingue sempre em maiúsculas graúdas:

ADEUS ADEUS.

Torna a virar-se para a sala, sorri, inquiridor, esperando ter sido compreendido, ter comunicado alguma coisa; aponta com o dedo, mostrando às cadeiras vazias o que acaba de escrever; imóvel durante alguns instantes de espera, satisfeito,

um pouco solene; depois, em face da ausência de reacção por parte do público invisível, o seu sorriso desaparece a pouco e pouco, o seu semblante entristece; espera um pouco ainda; de repente, cumprimenta com raiva, agressivamente, e desce do estrado; vai até à porta do fundo, no seu andar fantasmagórico; antes de sair por esta porta, saúda cerimoniosamente as filas de cadeiras vazias e o invisível IMPERADOR.

A cena permanece vazia com as cadeiras, o estrado e o chão cobertos de serpentinas e de confetis. A porta do fundo está escancarada — além, a escuridão.

Ouvem-se pela primeira vez os ruídos humanos da multidão invisível: são as gargalhadas, os marmúrios, os «chiu», os pigarreios irónicos; fracos no começo, estes ruídos vão aumentando progressivamente; depois, voltam a enfraquecer progressivamente também.

Tudo isto deve durar bastante tempo para que o público — o verdadeiro e visível — saia do teatro com este final bem gravado no espírito.

O PANO CAI MUITO LENTAMENTE

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025